

12402 - A participação das mulheres na feira agroecológica de Santa Cruz da Baixa Verde

Women's participation at the agroecologic fair of Santa Cruz da Baixa Verde

MICHELIN, Maria Júlia¹, ALVES, Eliane², JALIL, Laeticia³, MARTINS, Kelle⁴, MOURA, Gerlúcio⁵.

¹Universidade Federal Rural de Pernambuco - Unidade Acadêmica de Serra Talhada UFRPE/UAST, NEPPAS, maju_michelin@hotmail.com; ²UFRPE/UAST, NEPPAS, lykaah.souza@hotmail.com; ³UFRPE/UAST, Coordenadora do NEPPAS, laeticiajalil@hotmail.com; ⁴Centro de Educação Comunitária Rural CECOR, kellesouza@hotmail.com; ⁵Instituto Agronômico de Pernambuco IPA, gerlucio.moura@ipa.br

RESUMO:

Este artigo é parte da pesquisa que está sendo realizada pelo Núcleo de Estudos, Pesquisas e Práticas Agroecológicas do Semiárido NEPPAS/ UFRPE/UAST sobre a participação das mulheres rurais em grupos produtivos no município de Santa Cruz da Baixa Verde no Sertão de Pernambuco e a inserção destas nos espaços de comercialização, tal como a Feira Agroecológica, existente há seis anos. Para tal foi aplicado um questionário cujo critério utilizado para definição da amostra foi a seleção de mulheres membros do grupo “Mulher flor do campo”. Em linhas gerais percebe-se que a Feira se configura num “*espaço feminino e agroecológico*”, fortalecendo a identidade e o projeto político do grupo, pois verifica-se a participação direta das agricultoras - desde a produção até a comercialização de produtos de base agroecológica- e a Feira se reafirma e é reconhecida como um importante espaço de comercialização e sociabilidade, tanto para os agricultores/as familiares, quanto para os consumidores/as.

Palavras-chave: Agricultura Familiar; Comercialização; Gênero.

ABSTRACT:

This paper is part of an research that is being developed for the Group for Studies, Research and Agro-ecological Practices of the Semi-Arid (or *Núcleo de Estudos, Pesquisas e Práticas Agroecológicas do Semiárido* – NEPPAS), of the Federal Rural University of Pernambuco/Academic Center of Serra Talhada (UAST), about the rural women's participation in productive groups in Santa Cruz da Baixa Verde township, in Pernambuco's *Sertão*, and about her participation in commercialization spaces like the Agroecological Fair of this community, during the last six years. For this purpose, we used a survey and the criteria for the sample definition was the inclusion of members of “Mulher Flor do Campo”, a women's productive group of Santa Cruz da Baixa Verde. In a general sense, we realize that the Agroecological Fair is an “*feminine and agroecological space*” that strengthens the group's political project and identity, with the direct participation of women in all the productive chain, from production to commercialization of agroecological products. Thus, the Fair is reinforced and recognized as an important space of commercialization and sociability, both for the familiar farmers and for the customers.

Key-words: familiar agriculture, commercialization, gender.

Introdução

Santa Cruz da Baixa Verde está inserido no Território da Cidadania do Sertão do Pajeú¹-Pernambuco, com uma população estimada em 11.610 habitantes, sendo conhecida como a capital da rapadura, tendo a cana-de-açúcar como principal produto agrícola.

A Feira Agroecológica de Santa Cruz da Baixa Verde – FASC existe há 6 anos e atualmente é formada exclusivamente por mulheres agricultoras de diversas comunidades, tais como Sítios São Paulo, São José de Piloto, Cachoeira, Conceição, Caldeirão dos Bairros, Santa Clara e, São Bento, totalizando seis barracas com a participação direta de 8 mulheres (duas barracas são divididas com duas agricultoras e quatro barracas com uma agricultora por banca).

A FASC passou a ser organizada a partir da demanda das próprias agricultoras que já comercializavam seus produtos informalmente (de porta em porta) ou via atravessadores. Em 2006 algumas dessas mulheres, organizadas pelo sindicato de trabalhadores rurais de Santa Cruz, o Movimento de Mulheres Trabalhadoras Centrais- MMTR Sertão Central e com assessoria do Centro de Educação Comunitária Rural CECOR decidem organizar a feira.

A feira acontece semanalmente às segundas-feiras e está localizada no Centro da cidade ao lado da Igreja matriz, espaço cedido pela Prefeitura, sem a cobrança de impostos. Nos seis anos de existência o maior desafio de quem faz a feira é chamar a atenção da sociedade, de que a feira é um espaço de comercialização e obtenção de renda para os agricultores/as familiares de base agroecológica e assim uma forma de fortalecer a agricultura familiar, contribuindo para o reconhecimento deste setor como produtores de alimentos de qualidade; que é uma forma de dinamizar a economia do município, bem como garantir a segurança e soberania alimentar tanto dos agricultores/as quanto dos/as consumidores/as.

A FASC é uma forma de vitrine da agricultura familiar, mostrando toda sua variedade e riqueza na produção. A maior parte dos produtos comercializados passa por pouco processo de beneficiamento. As feirantes comercializam produtos *in natura* de base agroecológica, produzidos em suas propriedades como afirma Josina Izaura Diniz Batista, 57 anos: “Os produtos da roça são inhame, milho, feijão, macaxeira, andu, na horta nabo, rabanete, couve, repolho, alface, coentro, cebolinha, chuchu, arruda, cenoura, beterraba. Tem também acelga, abobrinha, frutíferas como goiaba, pinha, laranja, mamão”. Apenas uma agricultora comercializa bolos e derivados do leite como requeijão e nata. Segundo seu relato *não dá para quem quer (Dalva)*, o que demonstra a potencialidade da inserção de novos produtos e uma consequente agregação de valor ao produto *in natura*.

Assim, objetivo desta pesquisa foi compreender a importância da FASC para o fortalecimento das mulheres como produtoras de alimentos e no reconhecimento destas

1O Território Sertão Do Pajeú - PE abrange uma área de 13.350,30 Km² e é composto por 20 municípios: Afogados da Ingazeira, Iguaraci, Quixaba, Santa Terezinha, São José do Egito, Serra Talhada, Sertânia, Tabira, Brejinho, Calumbi, Carnaíba, Flores, Itapetim, Mirandiba, Santa Cruz da Baixa Verde, São José do Belmonte, Solidão, Triunfo, Tuparetama e Ingazeira. In: http://www.territoriosdacidadania.gov.br/dotlm/clubs/territoriosrurais/sertodopajepe/one-community?page_num=0

como sujeitos políticos; identificar desafios e aprendizados e descrever possíveis mudanças em suas vidas, tanto na dimensão econômica, mas principalmente cultural.

Metodologia

O trabalho se baseou em metodologia qualitativa, tomando como referencial a categoria de gênero como categoria de análise que nos possibilita descrever, e problematizar o universo social de ação das mulheres bem como compreender as estruturas em que estas estão inseridas, de forma a reconhecer e visibilizar a ação destas como sujeitos políticos. Para tal, entrecruzamos esta perspectiva a construção da ciência agroecológica, de forma que nos permita avançar nas interseções que esta proposta possa construir.

Neste sentido, a agroecologia e o sistema de produção agroecológico devem ser percebidos mais do que como um meio de produção de alimentos, mas como um modo de vida. Em seus princípios devemos buscar o desenvolvimento local sustentável, que leve em consideração a preservação ambiental, crucial ao Semiárido brasileiro, a geração de renda, reconhecimento e garantia de direitos as populações locais orientados a construção da segurança e soberania alimentar.

Aqui destaca-se o papel das mulheres na construção desta nova forma de vida, como parte dos desafios que devem fazer parte deste projeto. É um desafio que deve ser assumido por todos os sujeitos que constroem a agroecologia (assessores/as, agricultores/as, acadêmicos, alunos/as, dentre outros), tanto na perspectiva epistemológica, que leve a desenvolver novas metodologias que permitam reconhecer o papel de diversos sujeitos que são historicamente excluídos, tais como as mulheres e jovens. Neste processo deve-se observar as condições materiais das mulheres na relação do trabalho familiar, na produção, acesso a tecnologias, créditos, acesso à terra, bem como questionar a estrutura social, política e econômica - classe e gênero e a divisão sexual do trabalho e violência em que estão inseridas.

Segundo ROMÃO (2007):

“A agroecologia vê na agricultura familiar o contexto propício para o desenvolvimento desse novo paradigma de desenvolvimento sustentável, mas não podemos deixar de considerar que a cultura patriarcal é a base de constituição desse modelo de organização do trabalho familiar. Portanto, discutir a divisão sexual do trabalho e a invisibilidade do trabalho das mulheres nesse modo de vida, constitui-se num elemento fundamental para que se possa atender ao tributo de equidade e justiça social discutido pela agroecologia. (p.21)

Assim, a pesquisa busca sistematizar a experiência da participação das mulheres agricultoras na feira agroecológica, compreendendo ser este mais que um espaço de comercialização, mas de troca de saberes e reconhecimento das mulheres como importantes produtoras de alimentos, sob a base de uma economia solidária. Também busca sistematizar as experiências vivenciadas e demonstrar o valor dos trabalhos das mulheres produtoras, da comercialização agregados a valores da agroecologia;

Neste trabalho foram utilizadas entrevistas aprofundadas com as agricultoras, visitas às reuniões do grupo de mulheres, visitas a feira agroecológica de Santa Cruz da Baixa

Verde, entrevistas semi-estruturadas com técnico de extensão do IPA e com as coordenadoras do grupo. Como parte da metodologia as alunas ficaram duas semanas nas casas das mulheres do grupo **Mulher Flor do campo**, o que possibilitou também acompanhar, descrever, sistematizar e compreender com mais profundidade as atividades desenvolvidas por elas, desde a produção agroecológica, a participação em reuniões do grupo e sindicato, as atividades domésticas, a arrumação da feira e a comercialização.

Resultados e discussão

A comercialização por muito tempo foi atribuída aos homens da família, o que contribuiu cada vez mais para invisibilidade das mulheres no processo produtivo e para fortalecer a “lenda” que as mulheres não são capazes de lidar com a gestão financeira. A FASC representa a desmistificação desta lenda.

Apesar de serem agricultoras há muitos anos, poucas tinham noção de que seriam capazes de comercializar sua própria produção e conduzir sua vida financeira. Hoje já se observa uma mudança de atitude, pois o espaço da feira não é apenas um espaço de comercialização da produção, mas sim de auto-organização e de fortalecimento das mulheres. É no espaço das reuniões do grupo da feira que são tratados assuntos do âmbito da comercialização, mas também assuntos que geram impactos em suas vidas, tais como: violência doméstica, acesso a crédito, acessória técnica etc.

Em relação a seleção das mulheres para participação na FASC os critérios decididos coletivamente, tais como que estejam organizadas em grupo de mulheres, participem das reuniões e das atividades. Assim, uma dimensão importante é a da participação destas em novos espaços públicos e a atuação política nestes, o que contribui para o questionamento da ideia de que lugar de mulher é em casa, restrita ao espaço doméstico.

O grupo também criou um Fundo Rotativo e solidário, que segundo uma das coordenadoras da FASC serve para resolver algum problema que surja. Segundo Iris: *“Toda segunda 2,00 reais é arrecadado por agricultora, totalizando 8,00 por mês para cada mulher.”*, a mesma também responde ao perguntar sobre o que deve ser feito quando a interesse de agricultores/as agroecológicos em comercializar seus produtos na feira” *Há três segundas de estágio e a participação obrigatória nas reuniões.”*

Quando perguntadas sobre a participação na feira e o que mudou as mulheres são unânimes em afirmar que depois da feira elas se sentem mais fortes, mais reconhecidas, podem fazer mais coisas e tem acesso a informações que antes demorava a chegar ao sítio. Como afirma Dona Joana Silva ao ser convidada a participar da feira *“Só entro se for para ficar”*.

Para Maria Aparecida da Silva Feitosa- Cidinha, 23 anos, moradora do sítio São Paulo, *“Mudou para melhor, pois na feira fizemos fortes laços de amizade, consegui aumentar a renda junto com a minha mãe, experiência adquirida, aprendizado sobre agroecologia, conquistei liberdade e posso através dessa partir em busca de um maior conhecimento.”* Em relação a potencialidade da FASC, ela afirma: *“Tem um grande potencial, pois produzimos à base agroecológica pensando na saúde dos consumidores, e isso está se expandindo, a população tem procurado bastante. E queremos trazer mais agricultores para aumentar a diversificação na feira e conseqüentemente sua renda.”*

Para Dalvanise, Dalva *“Agora compro coisas que quero. Meu marido diz que eu sei quanto que ele ganha, mas ele não sabe quanto que ganho”*.

Para Josina, Jô *“A melhor coisa que aconteceu comigo foi participar da feira”*.

A pesquisa realizada demonstra que a Feira Agroecológica de Santa Cruz da Baixa Verde se configura num “espaço feminino e agroecológico”, o que fortalece a identidade e o projeto político delas, pois verifica-se a participação direta das agricultoras - desde a produção até a comercialização de produtos de base agroecológica- contribuindo para autonomia econômica e política destas. Ao participarem da feira agroecológica estas mulheres passam a ter que romper com a cortina da invisibilidade destas como produtoras, bem como passaram ter acesso a dinheiro, a ter autonomia para escolher o que fazer com este recurso, a poder participar de outros espaços de formação e sentem a necessidade de se capacitarem.

Bibliografia Citada

ROMÃO, Marli. Agroecologia e Feminismo: uma prática possível. A experiência do Grupo de Mulheres Produtoras Xique-Xique. *In: SILVA, Carmem. **Encontros possíveis. Feminismo e Agroecologia***. Recife: SOS CORPO, 2007.164.p